Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

PROGRAMA INSTITUCIONAL
BIODIVERSIDADE & SAÚDE
FIOCRUZ

Relatório

OFICINA
REDE PARTICIPATIVA SAÚDE SILVESTRE

25 e 26 de outubro de 2012

Rio Othon Palace – Copacabana

Rio de Janeiro/ RJ

Julho/ 2013

PROBIO II

Banco Mundial · gef · CAIXA · FUNBIO · Embrapa · FIOCRUZ · ICMBio

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento · Ministério da Ciência e Tecnologia · Ministério da Saúde · Ministério do Meio Ambiente

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

1. Introdução

O Brasil, por abrigar em seu território uma parte expressiva da biodiversidade de todo o mundo, tem o compromisso de conservá-la para as gerações futuras. A saúde é um dos melhores indicadores de conservação ambiental uma vez que saúde e conservação guardam relação direta entre si e que a biodiversidade, em toda sua complexidade, é capaz de oferecer, direta ou indiretamente, os elementos que garantem a síntese da qualidade de vida. Desta maneira, a avaliação da saúde constitui-se em importante contribuição na elaboração de políticas e ações que visem à conservação da biodiversidade.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), ao longo de sua existência, desde 1900, vem reunindo informações sobre agentes etiológicos que envolvem a fauna silvestre no Brasil e atualmente acumula conhecimento no tema. A Fiocruz, em consonância com sua tradição, tem em sua política institucional eixo estruturante para o fortalecimento da saúde, ambiente e sustentabilidade. Nesse sentido, a Fiocruz se insere no "Projeto Nacional de Ações Integradas Público-Privadas para a Biodiversidade" - PROBIO II e abraça o desafio de contribuir para a integração da biodiversidade no setor saúde, fortalecendo suas capacidades e o País, para o alcance das metas de conservação da biodiversidade contidas nos acordos institucionais dos quais é signatário.

Ao longo da construção do PROBIO II, o Programa Institucional Biodiversidade & Saúde (PIBS) / Fiocruz idealizou a formação do Centro de Informação em Saúde Silvestre (CISS), de modo a organizar informações sobre a circulação de agentes etiológicos na fauna silvestre e correlacioná-los a parâmetros ambientais e ecológicos, bem como aos impactos antrópicos.

A integração de instituições e grupos de pesquisa brasileiros de diversos setores é condição fundamental para que esta construção seja bem sucedida.

De forma a incentivar essa integração, a Fiocruz, representada pelo PIBS, dando seguimento às atividades do PROBIO II e com o intuito de garantir o aporte de informações ao CISS, está investindo na constituição da REDE PARTICIPATIVA EM SAÚDE SILVESTRE no Brasil, que contribuirá para respostas rápidas na identificação de ameaças à saúde humana.

Desta forma, e considerando:

i. a capacidade instalada no parque laboratorial do País;
ii. as dificuldades institucionais para diagnosticar agravos à saúde de animais silvestres;
iii. a existência de laboratórios de referência para diagnóstico de infecções por agentes etiológicos compartilhados por diversas espécies animais inclusive humanos no País;

iv. que muitas das ameaças à saúde humana, emergentes ou reemergentes, nas últimas décadas são compartilhadas com outras espécies animais e podem ser potencializadas pela simplificação dos ambientes naturais; e

v. a necessidade de resposta rápida às ameaças que impeça sua dispersão e garanta a manutenção da qualidade da saúde pública e da conservação da biodiversidade,

realizou, nos dias 25 e 26 de outubro de 2012, nos salões Copacabana e Samambaia do Hotel Rio Othon Palace, Copacabana, Rio de Janeiro, RJ, a oficina de trabalho "Rede Participativa em Saúde Silvestre", que contou com a participação de representantes do PIBS/ Fiocruz e especialistas convidados de todas as regiões do País e de diferentes orientações profissionais.

Os objetivos principais da Oficina foram estimular a participação na Rede e buscar definições de estratégias para a sua construção, além de exercitar a capacidade de integração entre saúde humana, animais domésticos de produção, saúde silvestre e meio ambiente, a fim de convergir esforços para a criação do CISS.

1. Metodologia

2.1 Critérios de seleção dos participantes

Os participantes foram convidados segundo critérios preestabelecidos pela coordenação (Marcia Chame, Norma Labarthe e Luiz Ney d'Escoffier), que buscou membros com cargos de direção e/ou decisão, de maneira que pudesse futuramente haver uma capilaridade e multiplicação do conhecimento em suas instituições. Sendo assim, foram convidados diretores, gerentes, chefes de laboratório e funcionários de segundo e terceiro escalão dos serviços públicos estadual e federal. Procurou-se ainda a interdisciplinaridade e diversidade das instituições, procurando a integração entre os serviços de saúde, políticas de saúde, políticas de meio ambiente, academia e serviços de saúde animal silvestre e doméstica de produção.

Desta maneira, foram expedidos 111 convites por carta e e-mail com o mesmo teor, a representantes de Laboratórios Centrais (LACEN) representativos das fronteiras secas e principais centros de cada região do País, de Laboratórios Nacionais Agropecuários (LANAGRO), do Ministério do Meio Ambiente (MMA), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), dos maiores zoológicos cadastrados no IBAMA, da Organização Pan-americana de Saúde (OPAS), do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), de universidades e centros de pesquisa de todo o país. Todos os que aceitaram o convite

preencheram um formulário de registro. É importante colocar que 19 profissionais não responderam, 29 recusaram o convite, dos quais nove indicaram um substituto. Ao todo 57 profissionais participaram efetivamente da oficina (anexo I).

2.2 Registro de interesse e possibilidades de atuação

Os participantes da oficina, quando chegavam ao hotel recebiam uma pasta que continha informações a respeito da oficina e um formulário de registro de interesse e possibilidades de atuação na Rede Participativa Saúde Silvestre (anexo II). Este formulário foi preenchido pelos participantes e entregue à comissão organizadora somente no último dia do evento, uma vez que precisavam de subsídios a respeito da Rede para poderem responder às questões quanto ao grau de importância atribuído para formação da rede, o interesse em participar da rede, o apoio institucional para essa participação, como a atividade de cada participante se insere no tema e o envolvimento em redes já existentes.

2.3 Dinâmica de grupo

A dinâmica da oficina teve sua inspiração durante a Conferência da *Wildlife Disease Association and European Wildlife Disease Association* que aconteceu em Lyon, França, entre os dias 22 a 27 de julho de 2012, da qual participaram as Dras. Marcia Chame e Norma Labarthe.

Com o objetivo de promover a integração dos profissionais das diversas áreas, os 57 participantes, foram organizados em sete grupos com pelo menos um representante de cada região e grupos de instituições (figura 1).

Os trabalhos tiveram a duração aproximada de oito horas, divididas em dois dias. A equipe do PIBS foi responsável por facilitar e apoiar a dinâmica dos exercícios e consolidar os resultados. Cada grupo escolheu um relator para apresentar os resultados ao final de cada dia de oficina.

Exercício 1 – dia 1

Objetivo 1: Identificar os pontos fortes e as necessidades (Anexo III) para a formação da rede tendo em vista as capacidades instaladas, possibilidades, sinergias, vantagens e necessidades.

Exercício 2 – dia 2

Objetivos 2 e 3 (Anexo IV):

(2) Dentre os pontos fortes e necessidades elencados como prioritários pelos grupos, indicar as estratégias para a formação da rede.

(3) Apontar arranjos organizacionais visando à construção participativa da rede e as bases para sua organização.

Figura 1: Dinâmicas de grupos de trabalho da oficina de trabalho "Rede Participativa em Saúde Silvestre". Rio de Janeiro, outubro de 2012

2. Resultados e Discussão

A maioria dos participantes (76,68%) tinha formação profissional nas áreas de medicina veterinária (35,10%) e biologia (31,58%), provavelmente por serem as áreas diretamente relacionadas à saúde silvestre, tema central da oficina. Mesmo assim, a oficina contou com a participação de outras 13 áreas de formação, o que evidencia a característica multidisciplinar do grupo (figura 2).

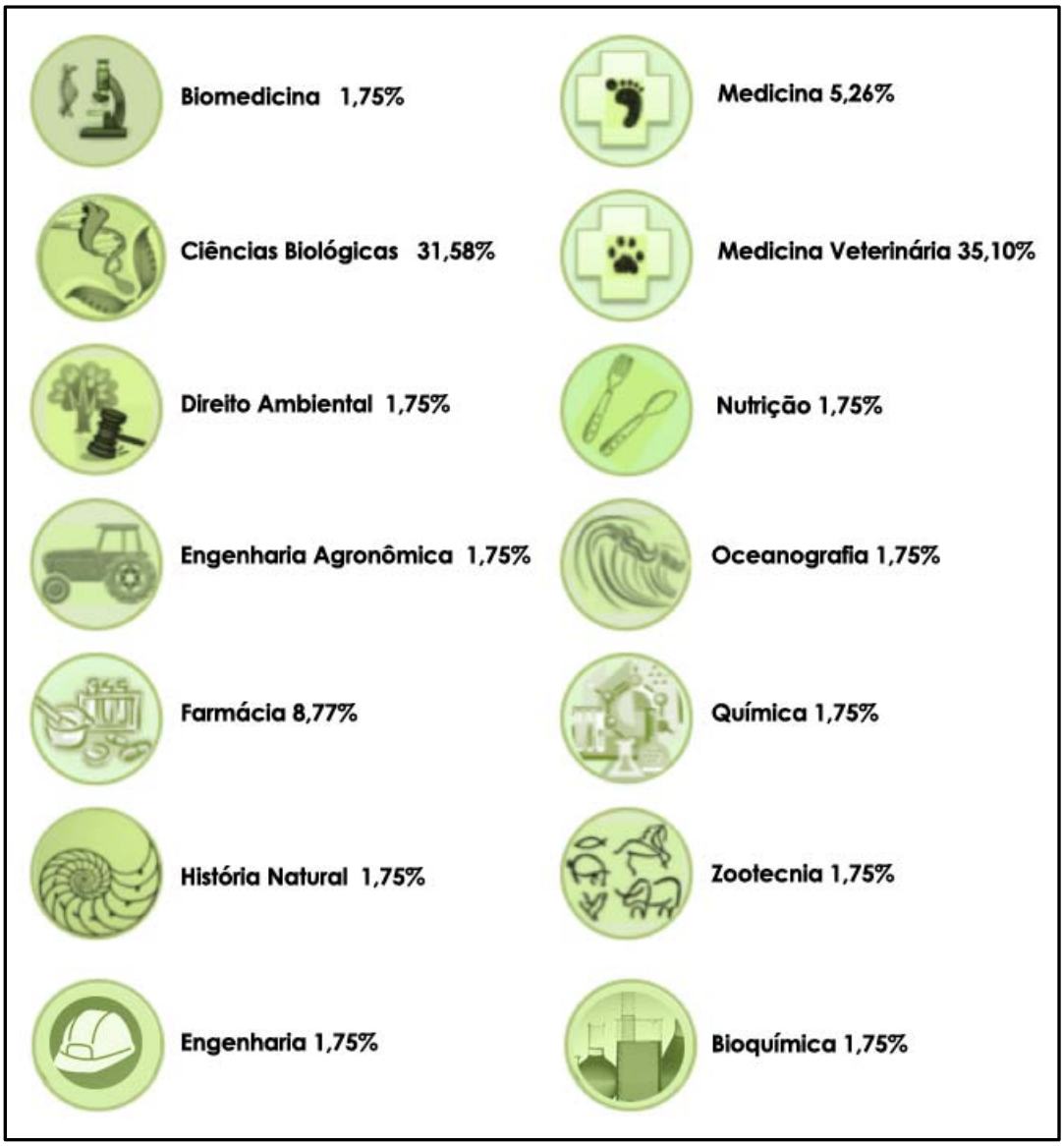

Figura 2: Representação gráfica das diferentes formações dos participantes da oficina de trabalho "Rede Participativa em Saúde Silvestre". Rio de Janeiro, outubro de 2012

Ao analisar as instituições que se fizeram representar, observa-se uma boa representação das universidades (28%) e laboratórios oficiais (25%), seguidas dos órgãos ambientais (18%) e Fiocruz (16%) (figura 3). Importante é ressaltar ainda a participação de representantes de zoológicos (7%), do MCTI e OPAS (5%). Dessa maneira, foi possível cumprir a proposta de se buscar a interdisciplinaridade e diversidade das instituições, com a integração entre os serviços de saúde, políticas de saúde e de meio ambiente e academia.

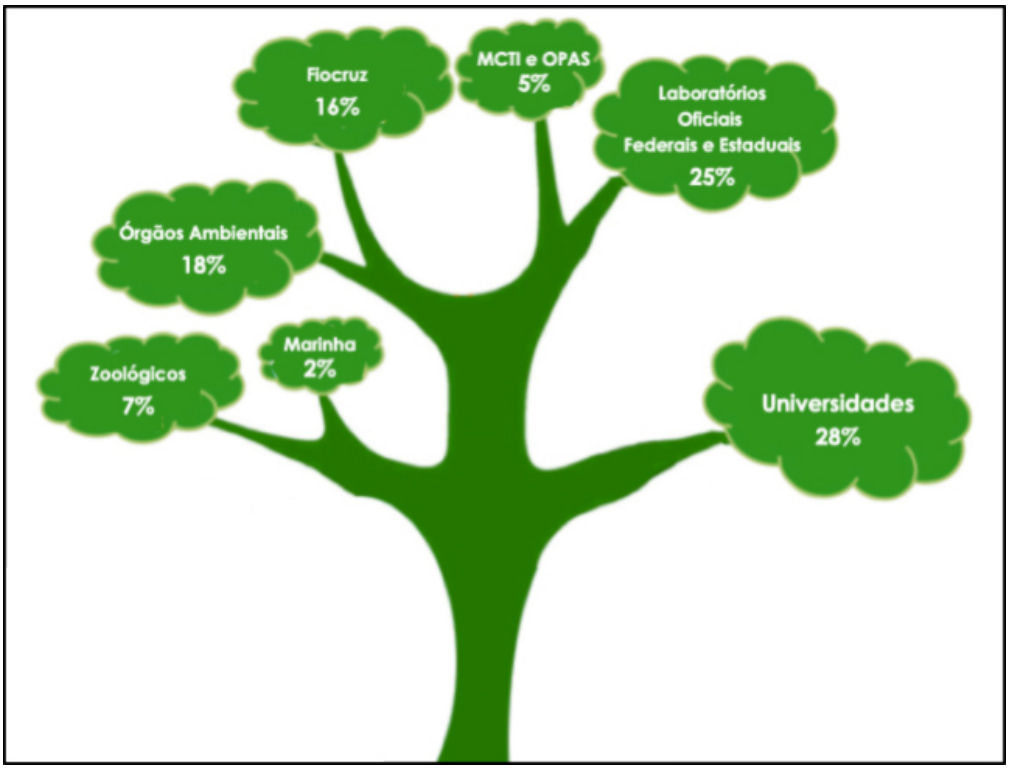

Figura 3: Representação gráfica dos grupos de instituições participantes da oficina de trabalho "Rede Participativa em Saúde Silvestre". O grupo "órgãos ambientais" engloba o IBAMA, ICMBio, Secretaria Estadual do Meio Ambiente, o Comando Ambiental da Brigada Militar do RS e o Ministério do Meio Ambiente. O grupo de laboratórios oficiais inclui os laboratórios do Ministério da Saúde, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento e da Secretaria Estadual de Agricultura. Rio de Janeiro, outubro de 2012

Todas as regiões do País foram representadas na oficina (figura 4). A distribuição territorial dos participantes, no entanto, não refletiu a importância da natureza naquela região, mas principalmente a vocação das universidades, dos Lacens e Lanagros em trabalhar com agentes etiológicos compartilhados por diferentes espécies animais, inclusive a humana. Assim, a região sudeste foi a mais representada (47,5%).

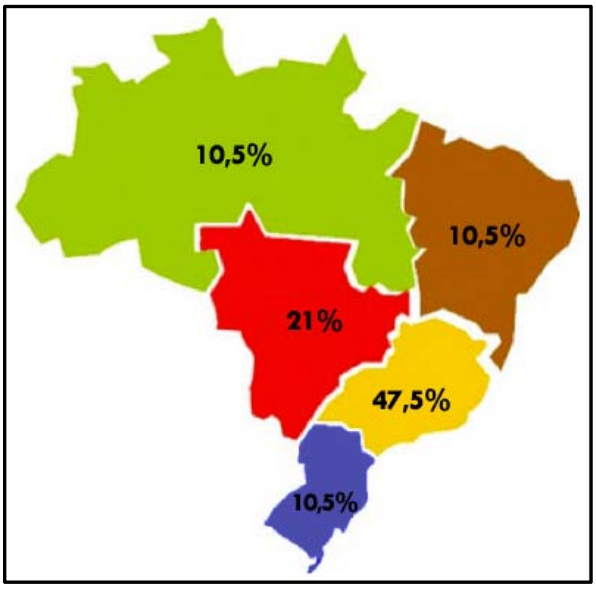

Figura 4: Representação gráfica das regiões de procedência dos participantes da oficina de trabalho "Rede Participativa em Saúde Silvestre". Rio de Janeiro, outubro de 2012.

Registro de interesse e possibilidades de atuação

As respostas ao questionário entregue ao final da oficina foram consolidadas conforme o grau de importância (1 a 5, sendo 1 o grau de menor e 5 o de maior importância) e alternativas sim/ não, de acordo com cada pergunta. Em seguida calculou-se a porcentagem de respostas para cada categoria (Tabela 3 e Figura 5).

Tabela 3: Registro de interesse e possibilidades de atuação dos participantes da oficina de trabalho "Rede Participativa em Saúde Silvestre", segundo o grau de importância (de 1 a 5, sendo 1 sem importância e 5 muito importante). Rio de Janeiro, outubro de 2012

Questionamento	1	2	3	4	5
Já faz parte de alguma rede? (1=não / 5=sim)	**28%**	**-**	**-**	**-**	**72%**
Como sua atividade se insere no tema em discussão?	**9%**	**4%**	**11%**	**20%**	**56%**
Qual o grau de importância que você atribui à formação de uma Rede Participativa em Saúde Silvestre? (1=não / 5=sim)	**-**	**-**	**-**	**2%**	**98%**
Qual o seu grau de interesse em fazer parte de uma Rede Participativa em Saúde Silvestre?	**4%**	**-**	**6%**	**7%**	**83%**
Sua instituição apoiaria a sua integração ou grupo de pesquisa / trabalho na Rede? (1=não / 5=sim)	**2%**	**-**	**-**	-	**98%**

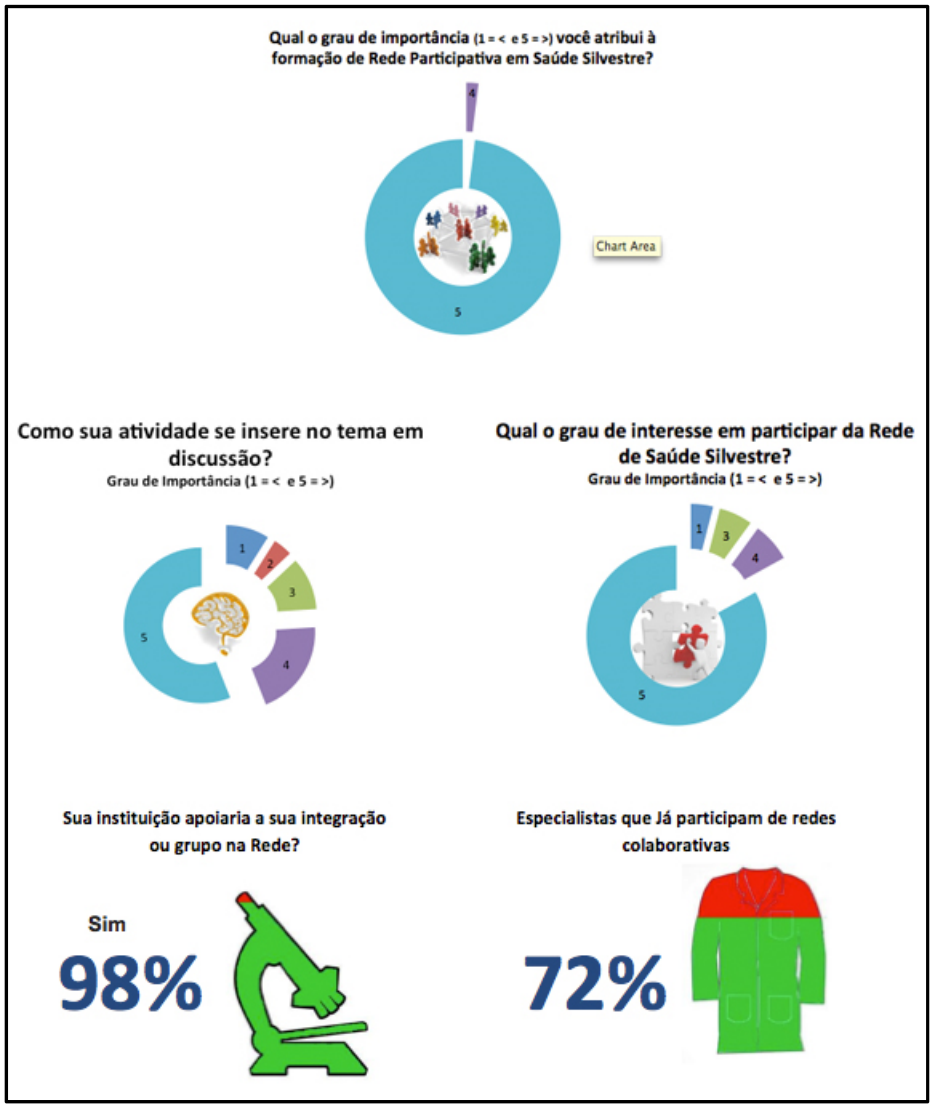

Figura 5: Resultados do questionário de interesse e possibilidade de atuação na rede entregue a cada profissional ao final da 1ª Oficina Participativa em Saúde Silvestre, outubro de 2012

A maioria dos participantes (98%) atribuiu grau máximo (5) de importância para a formação da rede participativa. Da mesma forma, 83% relatou forte interesse (grau 5) em participar da rede. As atividades de 56% dos profissionais estão totalmente integradas (grau 5) ao tema da rede e 72% desses profissionais já fazem parte de outra rede.

Exercício 1

Os pontos fortes e as necessidades apontados pelos grupos foram organizados pela equipe PIBS e estão descritos no quadro 1 e representados na figura 6.

Quadro 1: Opinião dos profissionais sobre a capacidade técnica e política do país para a formação da Rede Participativa em Saúde em Saúde Silvestre emitida durante a oficina realizada em out/2012 (continua)	
Capacidade e infraestrutura nacional	
↗	O grupo reunido na oficina é multidisciplinar, multi-institucional e o país possui instituições e profissionais que podem responder aos desafios propostos. Já existem parcerias de pesquisa e serviços relacionadas ao tema saúde silvestre.
↗	Existe estrutura operacional para gerir, fomentar e articular redes e capacidade de integração a partir de um membro comum, por exemplo a Fiocruz/ MS como coordenadora da rede).
↗	Os planos do ICMBio podem contemplar o tema saúde silvestre.
↗ ↙	A biodiversidade brasileira é um ponto forte. Há possibilidade de acesso ao material biológico e informações primárias de animais silvestres em zoológicos, CETAS etc. No entanto, há necessidade de aprofundar conhecimento sobre a biodiversidade e existem sobreposições de pesquisas e atuações.
↗ ↙	O SIBBr (Sistema de Informação da Biodiversidade Brasileira) está em desenvolvimento por meio de parceria dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação e Meio Ambiente. Existe o Banco Nacional de Dados Oceanográficos (BNDO), da Marinha do Brasil, porém há necessidade de modernização da base de dados oceanográficos.
↗ ↙	Existem laboratórios de referência em vigilância epidemiológica em saúde humana, capacidade de diagnóstico e formação de recursos humanos para diagnóstico, coleta, transporte e remessa de material biológico de animais silvestres. Entretanto, há necessidade de identificar e organizar as capacidades locais/ regionais, públicas e privadas (laboratórios, grupos de pesquisa, instituições) e divulgar as informações em ambiente acessível.
Vigilância	
↗	Existe conhecimento e experiência em vigilância em saúde, por meio do SUS e vigilância agropecuária. Colaboração de laboratórios de diagnóstico de agravos humanos e animais.
↙	Fragilidade do sistema de vigilância, que deve ser preditivo e sentinela. Ausência de testes diagnósticos rápidos e robustos no campo. Tempo longo entre a identificação do problema no campo, o diagnóstico e a ação.
Comunicação e difusão	
↗ ↙	A rede tem capacidade de sistematizar, divulgar e estabelecer intercâmbio de informações com maior velocidade, assim como integrar as regiões do país. No entanto, há necessidade de definição de ferramenta de comunicação da rede.
↙	Falta integração e interação entre governo e a sociedade, as instituições, os grupos de pesquisa e as comunidades científicas. Há necessidade de divulgação do conhecimento científico para a sociedade e gestores.
↙	Há necessidade de estabelecer diretrizes para a divulgação de dados sensíveis, circulação de informação e dados internos à rede, bem como divulgação da informação para sociedade e gestores.

Quadro 1: Opinião dos profissionais sobre a capacidade técnica e política do país para a formação da Rede Participativa em Saúde em Saúde Silvestre emitida durante a oficina realizada em out/2012 (conclusão)	
Políticas	
↗	Há interesse do governo em incentivar a formação da rede, que pode identificar problemas relacionados à saúde silvestre e determinar políticas. A participação de profissionais do governo na rede pode facilitar a elaboração de políticas públicas e instrumentos legais.
Instrumentos normativos	
↗ ↙	Existe instrumento legal para garantia de autoria, acordo de coautoria e troca de material, porém há necessidade de definir critérios de estabelecimento de competências e confiabilidade dos parceiros envolvidos.
↗ ↙	Existem instrumentos legais e protocolos para remessa e transporte de material biológico, porém há necessidade de estabelecer novos protocolos e divulgá-los.
↙	Há necessidade de oficializar as coleções de material biológico.
Recursos humanos	
↗	A rede pode mobilizar recursos humanos e institucionais.
↗ ↙	A rede tem força para encontrar especialistas que se dediquem ao estudo da saúde silvestre e humana, porém há necessidade de instituição do tema saúde silvestre nas universidades e institutos de pesquisa com a formação de recursos humanos específicos para o tema.
↙	Há baixa capacidade de fixação de recursos humanos no país.
Recursos financeiros	
↗ ↙	Existem editais para criação de redes, porém são necessários recursos financeiros para capacitação, treinamento e manutenção da rede com encontros presenciais periódicos.
↙	A pesquisa no Brasil depende de recursos intermitentes (pós graduação, projetos específicos).
↙	Há necessidade de fomento específico para saúde silvestre.
↗ ↙ ↗ ↙	As setas verdes indicam os pontos fortes, as setas vermelhas as necessidades e as setas verdes e vermelhas no mesmo quadrado indicam um ponto forte no mesmo cenário em que existe uma necessidade.

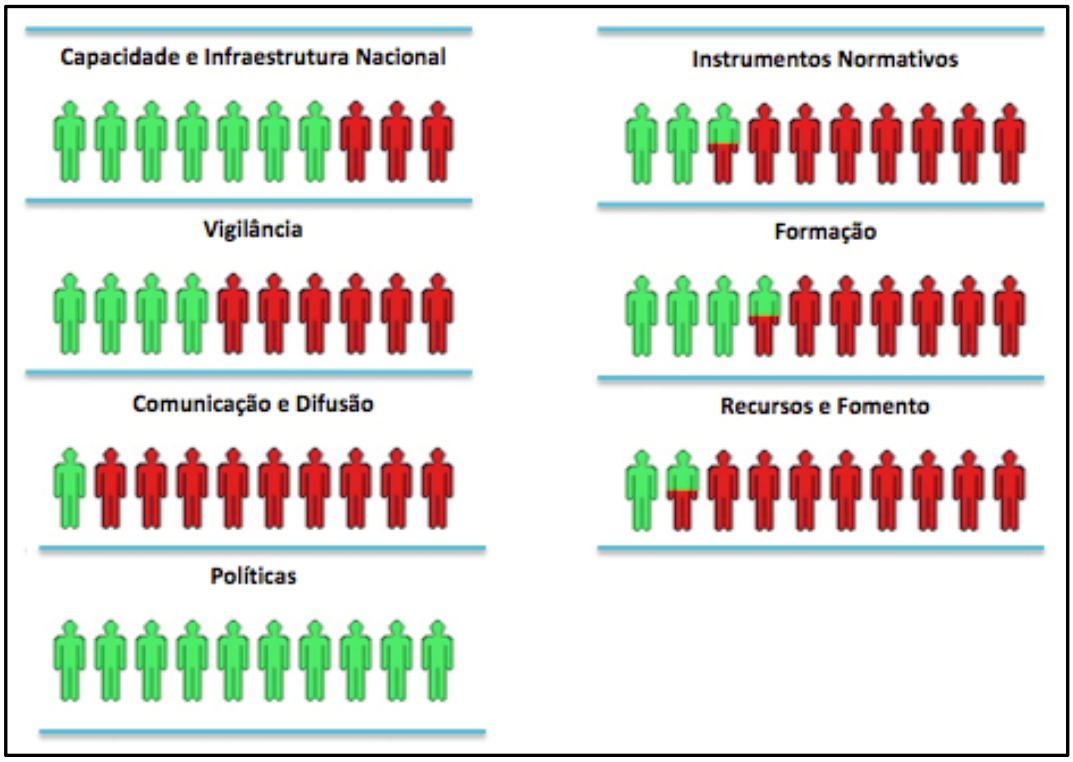

Figura 6: Representação gráfica da opinião dos participantes em relação aos temas propostos na Oficina da Rede Participativa em Saúde Silvestre. Os ícones em verde representam as opiniões positivas e os vermelhos as necessidades ou pontos a melhorar. Rio de Janeiro, outubro de 2012

Podemos destacar que os grupos apontaram como pontos fortes a grande capacidade instalada e a variedade de profissionais e instituições, a capacidade de gestão e o interesse do governo em incentivar as redes. O cenário político é totalmente favorável à formação da rede, que, por sua vez, tem forte capacidade de identificar problemas relacionados à saúde silvestre e determinar políticas.

A biodiversidade brasileira é outro ponto forte e é possível gerar ou acessar informações em estudos de campo ou em zoológicos, CETAS etc. Porém, existe a necessidade de uma maior integração das pesquisas e atuações evitando sobreposições e o incentivo a pesquisas, criação de redes e a formação de recursos humanos para diagnóstico, coleta, transporte e remessa de material biológico.

Outro aspecto forte apontado é a existência dos sistemas de vigilância em saúde e agropecuários, mas foi ressaltado que estes devem ser mais integrados, sentinela e preditivos, além de incorporar a saúde silvestre. A ausência de testes diagnósticos rápidos e robustos no campo e o tempo longo entre a identificação do problema e a ação, são pontos a serem corrigidos. Foi considerado que o país dispõe de uma boa base legal e normativa em relação à autoria, mas é necessário definir competências e confiabilidade dos parceiros envolvidos. Já existem

instrumentos legais e protocolos para colheita e transporte de material biológico, mas eles devem ser atualizados.

Resumidamente, foi consenso dos grupos que os maiores desafios para a formação da rede são:

- ✓ - o investimento em ferramentas para sistematização e difusão da informação de maneira rápida e eficiente;
- ✓ - a integração entre governo, sociedade, instituições e grupos de pesquisa;
- ✓ - a criação e divulgação de novos protocolos de colheita, remessa e transporte de material biológico e oficialização de coleções;
- ✓ - o investimento na formação de profissionais em saúde silvestre e fixação de pesquisadores;
- ✓ - a captação de recursos financeiros públicos e privados específicos para a formação e manutenção da rede, para o estudo da biodiversidade e saúde silvestre e para o desenvolvimento tecnológico de conjuntos diagnósticos de campo.

Exercício 2

Objetivo 2: A partir dos pontos fortes e das necessidades apontados no exercício 1, os participantes da oficina indicaram as estratégias para a formação da rede, organizadas no quadro abaixo.

Quadro 2: Estratégias sugeridas pelos profissionais para a formação da Rede Participativa em Saúde Silvestre durante a oficina realizada em out/2012 (continua)		
Em andamento	Iniciado	Não iniciado
[**Capacidade Instalada e Infraestrutura**]	• Mapear a capacidade instalada (infraestrutura, recursos humanos, por áreas e grupos temáticos por região). • Incluir área para Saúde Silvestre no SIBBr (Sistema de Informação da Biodiversidade Brasileira).	Iniciado
[**Vigilância**]	• Integrar os diversos sistemas de vigilância (epidemiológica, entomológica e laboratorial, dentro do que for de domínio público). • Criar mecanismos de conexão dos potenciais sentinelas (zoos, CETAS, etc). • Acrescentar ao sistema de vigilância, maior capacidade para lidar com a saúde silvestre, e atuar de forma preditiva e sentinela (Predict).	Iniciado
[**Comunicação e Difusão**]	• Desenvolver um centro de informações em saúde silvestre. • Criar o site para divulgação da rede com gestão e hospedagem no portal Fiocruz (agenda de eventos, grupo de discussões, repositório para divulgação de publicações da rede e conteúdo informativo, técnico e científico) Tópicos: saúde humana, ambiental e animal. • Informações sobre todos que compõe a rede, suas capacidades com links para as instituições que participam. Identificar as redes internacionais (links) e convidá-las a integrar a rede em questão. Site em português/espanhol/inglês. • Criar link para divulgação das oportunidades de financiamento.	Em andamento
[**Comunicação e Difusão**]	• Realizar workshops, conferências e oficinas periodicamente. • Ação PIBS: parceria com o ICMBio para trabalho junto as oficinas dos Planos de Ação das Espécies Ameaçadas e de capacitação dos guarda-parques.	Em andamento
[Comunicação e Difusão]	• Destinar parte dos recursos da rede para o Plano de Comunicação.	Não iniciado

Obs: “Em andamento” = atividade já no meio da execução. “Iniciado” = atividade em início de execução

Quadro 2: Estratégias sugeridas pelos profissionais para a formação da Rede Participativa em Saúde Silvestre durante a oficina realizada em out/2012 (conclusão)		
Em andamento	Iniciado	Não iniciado
[**Políticas**]	• Sensibilizar os Ministérios da Saúde (MS), da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e o da Ciência e Tecnologia (MCTI) para o desenvolvimento tecnológico de diagnósticos rápidos de patógenos de animais silvestres. • Buscar apoio de inovação tecnológica do MS e MCTI. • Criação de um Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia (INCT) ou Programa para a Saúde Silvestre. • Apoio ao desenvolvimento regional.	Iniciado
[**Instrumentos Normativos**]	• Estruturar protocolos padrão para as áreas de atuação da rede: coleções, colheita, remessa e processamento de amostras, diagnóstico, intercâmbio das amostras, georreferenciamento, análises de risco, variáveis ambientais, bioproteção, biossegurança e transporte de animais.	Não iniciado
[**Recursos Humanos**]	• Estudo para identificar demanda por capacitação no País; • Criar estratégias de capacitação de recursos humanos, em diferentes níveis para manutenção da rede. • Identificar os grupos que podem funcionar como capacitadores. • Incluir modelagem ecológica na grade a acadêmica dos cursos da área de saúde.	Não iniciado
[**Recursos e Fomentos**]	• Buscar a participação financeira das empresas privadas. • Oportunidade de fomentar a inovação para desenvolvimento de kits e testes para FINEP e empresas privadas. • Sensibilizar a academia para pressionar as instituições de fomento para criação de editais para o desenvolvimento de novas tecnologias.	Iniciado

Obs: “Em andamento” = atividade já no meio da execução. “Iniciado” = atividade em início de execução

Objetivo 3: Os arranjos organizacionais e as bases para construção da rede sugeridos pelos participantes da Oficina estão descritos abaixo.

1. Definir tipo e abrangência da Rede:
    a. Nacional, aberta para captação de informações, com filtros para informações sensíveis (segurança nacional).
    b. Científica, tecnológica e de divulgação.
    c. Objetivo - sugestão: "Congregar especialistas e demais interessados na área temática da rede de forma a promover o intercâmbio de informações, de forma rápida e eficaz, para melhoria da qualidade das ações em prol da saúde silvestre e humana".
    d. Missão - sugestão: "Ser uma rede capaz de integrar os setores de biodiversidade e saúde abrangendo a sáude dos ecosistemas, a saúde silvestre e humana".
    e. Definir visão e valores.
2. Criar uma Comissão para levar a proposta da rede ao Ministério da Saúde e formalizar a Rede.
3. Estabelecer uma unidade de referência central para implantação e gerenciamento da Rede (sugestão: Fiocruz).
4. Ter uma equipe fixa com dedicação exclusiva para prover uma gestão mínima de manutenção da rede.
5. Definir um "Comitê gestor" ou deliberativo.
6. Elencar as instituições participantes e critérios de participação.
7. Criar perfis ou escopos de atuação dos integrantes da rede (pesquisadores, gestão e fiscalização, normatizações, empresas, ONGs) onde se possam encontrar as áreas de atuação, projetos, interesses de cada grupo.
8. Os pontos focais seriam determinados. Uma ideia é a presença de um facilitador para articular a Rede. Para evitar sistema hierárquico – rodízio do facilitador para não haver sobrecarga e todos se capacitarem.
9. O facilitador pode funcionar também como um "captador" de oportunidades de parceria, troca, etc. Esta pessoa fará a prospecção de oportunidades para serem desenvolvidas na Rede.
10. Criação de um "Comitê Científico" ou consultivo para discutir as informações com o facilitador. Seria um grupo para assessorar o facilitador.

11. Devido à grande diversidade de participantes e áreas envolvidas, há necessidade de formar sub-redes temáticas (laboratórios, órgãos fiscalizadores, de pesquisa, etc) para haver uma boa gestão. Apesar da divisão em sub-redes, o aspecto horizontal deverá ser mantido com uma estruturar descentralizada, por núcleos Regionais e coordenações.
12. Criar programas a serem inseridos no escopo do Plano Plurianual (PPA) da Rede.
13. Formação inicial de subgrupos de trabalho para discutir e encontrar estratégias de atuação em áreas específicas.
14. Identificar redes já existentes, como a RIT (INOVA, defesa agropecuária) para troca de experiências e avaliação da forma organizacional.
15. Colegiado com câmaras técnicas (moderadores) abrangendo as diferentes áreas da rede com interfaces entre as várias áreas.
16. Construção participativa: voluntária para todos os interessados e alerta a todos os setores da sociedade.

4. Considerações Finais

A realização da Oficina evidenciou tanto o interesse quanto a necessidade da formação da Rede. Entretanto, a formação da Oficina, a se avaliar pelos critérios de inclusão usados para realizar os convites, constitui-se em viés que favorece o interesse expressado pelos participantes. Mesmo assim, a clara percepção sobre a relevância do tema saúde silvestre entre os participantes é estimulante e impulsiona ações futuras no sentido da formalização da rede.

Mais ainda, os resultados da Oficina reforçaram a relevância do trabalho desenvolvido pelo Programa Biodiversidade & Saúde (PIBS)/ Fiocruz e demonstraram que a criação do Centro de Informação em Saúde Silvestre (CISS), hoje em desenvolvimento, é prioritária para garantir futuras tomadas de decisão conscientes e eficazes.

Temos muitos desafios a serem superados, principalmente em relação à integração entre o governo e a sociedade, as instituições e a comunidade científica. Além da integração será preciso trabalhar intensamente na sensibilização, mobilização e fidelização desses diversos atores e instituições às redes e ao sistema de informação.

Levando-se em consideração que a participação ativa dos colaboradores e parceiros do PIBS/Fiocruz é condição fundamental para a construção do CISS, a realização da Oficina de Trabalho da Rede Participativa em Saúde Silvestre foi o marco inicial e esperamos que o comprometimento e interesse demonstrados no evento sejam mantidos e que a abrangência da iniciativa seja capilarizada nos mais diversos nichos da vida brasileira.

A vocês nosso muito obrigado e até breve!

Equipe PIBS/ Fiocruz.

Anexo I

Planilha de Participantes da Oficina

NOME	INSTITUIÇÃO	FORMAÇÃO	INTERESSE/CONTRIBUIÇÕES PARA A RDSS
Adauto Luis Veloso Nunes	Zoológico de Sorocaba	Medicina Veterinária	Capacitação e treinamento. Monitoramento regional de patógenos em vida selvagem (o zoo como sentinela)
Adeilton Alves Brandão	IOC/ Fiocruz	Farmácia	
Alessandra Scofield Amaral	Universidade Federal do Pará	Medicina Veterinária	Atualmente está intensificando os trabalhos com agentes parasitários que infectam mamíferos, répteis, anfíbios e aves na região amazônica, e pode contribuir com estes estudos
Aline Carvalho De Mattos	Ioc/ Fiocruz	Bióloga	
Ary Carvalho De Miranda	Ensp/ Fiocruz	Médico	
Alzira Maria Paiva de Almeida	Cpqam	Nutricionista	Laboratório de referência
Ana Claudia De Paula	Marinha do Brasil - Secretaria de Ciênca, Tecnologia e Inovação	Oceanógrafa	Grupo de trabalho
Ana Maria Jansen	Fundação Oswaldo Cruz	Medicina Veterinária	Laboratório de referência, monitoramento, diagnóstico de parasitos
André De Oliveira Mendonça	Mapa - Lanagro São Paulo	Medicina Veterinária	Laboratório de referência em sanidade aviária (influenza e salmonela), vacinas antirábicas (controle) e controle de resíduos e contamonantes (drogas veterinárias, pesticidas e metais pesados); sugestão para trabalho integrado (MS, MAPA, MMA, Universidades) para prospecção e análise de riscos para zoonoses emergentes e reemergentes no brasil
Angela Maria Branco	Faculdade De Saúde Pública - USP e PMSP	Medicina Veterinária	Grupo de trabalho, capacitação e ponto focal
Carlos Corvalan	OPAS	Engenharia	
Carlyle Mendes Coelho	Fundação Zoobotânica dBelo Horizonte - Jardim Zoológico	Medicina Veterinária	Fornecimento de informações, indicação de outros parceiros na área de fauna silvestre em minas gerais e zoos no brasil
Cecília Bueno	Universidade Veiga De Almeida	Ciências Biológicas	Grupos de trabalho, divulgação
Cristine Ferreira	Lacen/ Sc	Biomédica	

Cristina Maria Giordano Dias	Lacen Rio de Janeiro Laboratório Central de Saúde Pública Noel Nutels	Ciências Biológicas	Laboratório de referência, grupo de trabalho, capacitação. Interesse em fortalecer os Lacen's especialmente o do rio de janeiro como laboratório de referência estadual em vigilância em saúde. O Lacen-rj vem trabalhando ativamente em situações de surtos e epidemias e na investigação de campo (locais de prováveis infecções) de casos de doenças de transmissão vetorial. Também atua na formação profissional de técnicos municipais em vigilância em saúde, podendo contribuir dessa forma na rede participativa em saúde silvestre.
Daphne Wrobel Goldberg	Projeto Tamar Florianópolis	Medicina Veterinária	Monitoramento do ambiente costeiro e marinho; grupos de trabalho e pesquisa. Informações sobre a fauna marinha;
Fernando Dias De Avila Pires	Fiocruz - Ufsc	História Natural	Grupos de trabalho, capacitação e divulgação
Guilherme Oliveira	Fiocruz-Minas Gerais-Cebio	Ciências Biológicas	Divulgação web; bancos de dados, infra estrutura computacional; identificação de patógenos (conhecidos e novos) por abordagens genômicas; treinamento nas áreas de atuação do grupo
Jansen De Araujo	Instituto De Ciências Biomédicas	Doutorado Em Ciências Biológicas	Laboratório, capacitação de coleta de material para análise de virus, monitoramento de animais silvestres
Jean Carlos Ramos Da Silva	Universidade Federal Rural de Pernambuco – Ufrpe. Instituto Brasileiro para Medicina da Conservação - Triade	Medicina Veterinária	Grupo de trabalho, capacitação e divulgação; interesse em divulgar a rede em todas as instâncias, sociedades civis, universidades, institutos de pesquisas, entre outros
João Batista Campos	IAP - SEMA - PR	Engenheiro Agrônomo	Grupos de trabalho e em indicar colegas da instituição que devem ter grande interesse em participar da rede
João Batista Da Cruz	Fundação Parque Zoológico De São Paulo	Medicina Veterinária	Ponto focal, monitoramento, laboratório e divulgação; sinalizou interesse para a relevância de documentação para as formalidades para aprovação do conselho superior; interesse da sua instituição se convergem com os objetivos da rede
José Ivo Dos Santos Pedrosa	Univerisade Federal do Piauí	Médico	
José Berlarmino Da Gama Filho	Fundação Jardim Botânico De Brasília	Veterinário	Informações sobre monitoramento, divulgação, instrumentalização legal e operacional
Katia Maria Famadas	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Zootecnia Medicina Veterinária	Grupo de trabalho, capacitação, laboratório
Keila Juarez	DCBio - MMA	Ciências Biológicas	Planejamento / divulgação
Ligia Cantarino	Universidade de Brasília	Medicina Veterinária	Grupo de trabalho, capacitação e divulgação
Liléia Gonçalves De Diotaiudi	IRR (Instituto René Rachou)/ Fiocruz	Bióloga	

Liliam Patricia Pinto	CEPAM – ICMBio	Ciências Biológicas	Aumentar a inserção do tema saúde silvestre nos planos de ação nacionais para conservação de espécies ameaçadas de extinção
Luis Felipe Skinner	UERJ	Ecologia	Monitoramento de meio marinho, divulgação
Marcia Dos Santos Lázera	Ipec Fiocruz	Médica - Micologista	Laboratório de referência em micoses sistêmicas (histoplasmose, paracoccidiordomicose, criptococose e coccidiodomicose); diagnóstico e capacitação
Maria Cordélia Soares Machado	Assessoria de Assuntos Internacionais/ MCTI	Ciências Biológicas	
Maria Adélia Borsfelmann De Oliveira	UFRPE e SBPr (Sociedade Brasileira De Primatologia)	Bióloga	Na SBPr existem associados que podem atuar em cada uma dessas frentes: grupos de trabalho, laboratórios de referência, capacitação e monitoramento). A diretoria pode promover, divulgar e dar apoio político em temas gerais e específicos; interesse da SBPr em fazer parte da rede
Maria De Lurdes De Azevedo Rodrigues	Universidade Federal do Rio De Janeiro	Ciências Biológicas - Parasitologia	Capacitação
Patricia Pereira Serafim	Centro Nacional de Pesquisa e Conservação das Aves	Medicina Veterinária	Contribuir com atividades correlatas já em andamento ou novas, notadamente relacionadas a planos de ação nacionais para espécies ameaçadas (grupos de trabalho, ponto focal, capacitação, divulgação e principalmente monitoramento)
Paula Moraes S. Pereira	Ministério do Meio Ambiente	Ciências Biológicas	Divulgação
Phyllis Catharina Romijn	Pesagro-Rio	Medicina Veterinária	Capacitação e monitoramento; exames laboratoriais; coleção de lysavirus
Reinaldo Francisco Ferreira Lourival	MCTI	Ciências Biológicas	Monitoramento / avaliação
Rejane Ortis Matias	Lacen Fvs Amazonas	Farmácia / Bioquímica de Alimentos	Divulgação
Ricardo A. P. Nascimento	Mapa - Lanagro Minas Gerais	Medicina Veterinária	Laboratório de referência, unidade biosegura nivel 4. Sugestão para projeto de pesquisa para avaliar ocorrência de doenças como tuberculose, brucelose para animais de produção (bovinos)
Rita Maveira	FUNED Lacen Minas Gerais	Farmácia	Grupo de trabalho, laboratório e divulgação
Roberta Silva Rizzo	Lacen - RR	Ciências Biológicas	Laboratório de referência
Rodrigo Gonçalves Dos Santos	Brigada Militar do Rio Grande do Sul	Direito Ambiental - Pós Graduação	Interesse em colaborar na interface de fiscalização ambiental
Rosane Maria Magalhães Martins Will	Lacen/ BA	Enfermagem	

Rodrigo Silva Pinto Jorge	Icmbio - Instituto Tríade	Medicina Veterinária	ICMBio como um nó da rede, uma vez que seus centros de pesquisa e conservação trabalham com diversos táxons (estados populacionais, coleta de amostras, medicina de conservação, planos de ação, etc) e os servidores do ICMBio podem atuar em gt's, capacitação, monitoramento. Interesse e experiência com carnívoros e sistemas e poderia avaliar com capacitação e monitoramento e ponto focal.Sinalizou a necessidade de uma política de dados, diretrizes claras para disponibilização, acesso e utilização de dados de diagnóstico/notificação de patógenos em animais silvestres
Salvatore Siciliano	ENSP/ Fiocruz	Biólogo	
Saulo Cardoso Silva	Lacen - Distrito Federal	Química	Laboratório de referência para diagnósticos de alguns agravos de interesse à saúde silvestre e humana
Solange Maria Gennari	FMVZ/ USP	Médica Veterinária	
Symonara Karina Medeiros Faustini	Lacen/ PI	Farmácia e Bioquímica	
Shirlei Ferreira De Aguiar	Lacen Rio de Janeiro Laboratório Central De Saúde Pública Noel Nutels	Ciências Biológicas - Virologia	Interesse do laboratório de vigilância e saúde de referência estadual em participar da rede. São um laboratório que trabalha com surtos e epidemias, na área de epidemiologia, sanitária e ambiental. Existe um trabalho e profissionais capacitados que também podem fazer parte da rede.
Silvia Neri Godoy	ICMBio / CENAP	Medicina Veterinária	O CENAP já realiza pesquisa em carnívoros silvestres em todo o território brasileiro e sempre insere o componente saúde em suas pesquisas com interface em saúde de animais domésticos e o homem.
Suely Aparecida Correa Antonialli	Lacen SESIMS	Bioquímica	Grupo de trabalho
Taciana Mendonça Sherlock	Ibama	Medicina Veterinária	Ponto focal, grupos de trabalho, monitoramento
Tânia Maria Estrela Fernandes Calderan	Lacen Mato Grosso; Mt Laboratório	Farmácia-Bioquímica	Laboratório de referência (área humana)
Valíria Duarte Cerqueira	UFPA/ Campus Castanhal	Medicina Veterinária	Patologia, diagnóstico macro e microscópico envolvendo colorações especiais, treinamento em necropsia. Pode envolver outros colegas na rede.
Washington Luiz Assunção Pereira	UFRA	Medicina Veterinária	
Wilson Uieda	Unesp - Universidade Estadual Paulista	Ciências Biológicas	Grupos de trabalho, capacitação, monitoramento e divulgação

Anexo II

Questionário para Registro de Interesse e Possibilidades de Atuação na Rede

REDE PARTICIPATIVA SAÚDE SILVESTRE

Registro de Interesse e Possibilidades de Atuação

Contato

Nome:

Instituição:

e-mail:

Perfil

Formação:

Área de conhecimento:

Área de atuação :

Cargo e função:

Registro de Interesse

Já faz parte de alguma rede? Qual (is)?

De 0 a 5 como sua atividade se insere no tema em discussão? (0 nenhuma e 5 totalmente inserida)?

De 0 a 5 qual o grau de importância que você atribui à formação de uma Rede Participativa em Saúde Silvestre? (0 nenhum e 5 muito importante)

De 0 a 5 qual o seu grau de interesse em fazer parte de uma Rede Participativa em Saúde Silvestre? (0 nenhum e 5 muito interesse)

Possibilidades de Atuação

De que forma você poderia contribuir para a Rede (grupos de trabalho, ponto focal, laboratório de referência, capacitação, monitoramento, divulgação e outros)?

Sua Instituição apoiaria a sua integração ou grupo de pesquisa/trabalho na Rede?

Registre outras sugestões ou considerações:

Anexo III
Formulário para o Exercício 1

Objetivo 1: Identificar as capacidades instaladas, possibilidades, sinergias, vantagens e necessidades para a formação da rede	
✓ PONTOS FORTES	NECESSIDADES ☒

Anexo IV
Formulário para o Exercício 2 (objetivos 2 e 3)

Objetivo2 Dentre os pontos fortes e necessidades elencados como prioritários pelos grupos, indicar as estratégias para a formação da rede
✓ ESTRATÉGIAS

Objetivo3 Apontar arranjos organizacionais visando à construção participativa da rede e as bases para sua organização
✓ BASES PARA ORGANIZAÇÃO